

## **As mudanças nos livros didáticos de Geografia durante a década de 1970: novos atores**

**DANIEL MENDES GOMES<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

O livro didático é um objeto complexo, de difícil definição, multifacetado e de uma importância enorme na escola. O livro didático pode ser estudado de diversas formas. Choppin (2004) ao traçar um panorama dos estudos sobre livro didático no mundo abarcou as principais problemáticas e temas abordados pelas pesquisas em torno dos livros didáticos.

O autor destaca quatro funções essenciais dos livros didáticos: 1- função referencial, 2- função instrumental, 3- função ideológica e cultural e 4- função documental. (p. 533)

A primeira função refere-se à adequação dos livros didáticos às propostas pedagógicas e ao currículo. Assim, o livro didático é o principal elo entre o currículo preativo e o currículo real. A segunda função refere-se ao caráter didático do livro, isto é, o de facilitador do aprendizado. A terceira função diz respeito ao seu papel político. O livro didático serve então para inculcar valores, divulgar uma cultura. Na quarta função, acredita-se que o livro didático pode fornecer um conjunto de documentos textuais e iconográficos.

Baseando-se em Chartier, (1998), existe uma dialética entre quem produz o livro – não só o autor, mas o editor e os demais agentes que compõem esse produto – e o leitor. O livro sempre impõe regras de leituras que são impostas aos leitores que, por sua vez, não aceitam de maneira passiva. Essas regras, que o autor chama de ordem dos livros, se dá pelas condições físicas do livro.

O conflito ocorre por que o leitor pode se apropriar do livro de diversas maneiras, lendo e dando a sua própria interpretação do assunto discutido. Assim, a materialidade do livro é de tamanha importância por que ela tenta inibir a liberdade de apropriação da leitura, isto é, criam-se protocolos de leitura com o intuito de dirigir o leitor.

Sob esse aspecto, os livros didáticos formam uma categoria de livros que possuem protocolos rígidos de leitura, devido a sua própria natureza: livros instrutivos de caráter pedagógico.

---

\* Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da PUC/SP  
Doutorando, bolsista pelo CNPq.

Assim, os livros didáticos apresentam-se como suporte material não somente de conteúdos e ideias de autores, mas também como suporte de uma metodologia específica de uma área do conhecimento e de uma concepção pedagógica, uma visão educacional de como ensinar.

Para tanto, aspectos da materialidade dos livros didáticos ganham maior atenção. A disposição dos textos, exercícios, mapas, tabelas, gravura notas de rodapé, boxes e trechos ou textos destacados nos livros nos mostram concepções e metodologias.

Portanto, as inovações materiais dos livros didáticos conduzem a novas comunidades de leitores e a novos protocolos de leitura.

## **Livros didáticos na década de 1970.**

Em um levantamento feito pelo banco de dados LIVRES sobre livros didáticos de Geografia/Estudos Sociais constatou-se que surgiu significativa quantidade de novos autores de livros didáticos de Geografia durante a década de 1970 no Brasil.

Ao consultar os livros didáticos da década de 1960 verificou-se ainda a forte presença dos livros de Aroldo de Azevedo produzidos pela companhia Editora Nacional. Cabe lembrar que este autor foi o responsável por uma vasta obra didática publicando livros pelas décadas de 1940 1950 e 1960. Alguns de seus livros didáticos chegaram à centésima edição. A década de 1970, como se pode observar no quadro acima, marcou o fim da produção didática de Aroldo de Azevedo, assim como a proliferação de novos autores e a permanência de outros.

Queremos destacar aqui que as mudanças ocorridas nesse período levaram alguns autores a caírem no obsoleto enquanto surgiram novos autores mais prontos a lidarem com as novas exigências metodológicas, pedagógico/educacionais e editoriais que se impuseram nesse momento.

Primeiramente, cabe lembrar que esse foi um momento muito confuso na definição dos saberes geográficos. Por um lado havia a lei 5692/71 tentando, através dos Guias Curriculares, impor um novo conhecimento, uma fusão entre História e Geografia. Por outro lado, houve a retirada de Aroldo de Azevedo do mercado de livros didáticos, um dos pilares da Geografia ensinada nas décadas anteriores. Por último, um forte debate acadêmico sobre a produção geográfica na própria universidade. Dessa forma os livros didáticos de Geografia

não apresentaram um padrão único. Os autores seguiram as diferentes tendências, alguns mais influenciados pela universidade, outros mais fiéis às propostas do Guia Curricular e outros com produções didáticas ainda com forte influência da Geografia dos anos de 1960. O interessante desta luta por definições de novos paradigmas para disciplina de Geografia no ensino de 1º Grau foi a da forte pressão que a Geografia Econômica exerceu na definição dos conteúdos ao longo década de 1970.

As mudanças do padrão editorial também foram significativas para o surgimento de novos livros didáticos. Munakata (2007), ao estudar a produção de livros didáticos, esclarece que, nesse período, houve uma profissionalização da indústria editorial, marcada por uma minuciosa divisão técnica do trabalho e especialização nas áreas de produção de livros didáticos. Dessa forma houve profunda alteração nos livros no que diz respeito à diagramação, tamanho, número de imagens, mapas, gráficos, e recursos de visualização. Isso fica claro ao comparar os livros didáticos da década de 1970 com os da década anterior. Tais mudanças fizeram com que os livros didáticos melhor atendessem as prescrições dos Guias Curriculares Nacionais.

Publicado em 1973, os *Guias Curriculares para o estado de São Paulo*, ditava regras, conteúdos e atividades propostas para todas as áreas de estudo. Para a produção do Guia Curricular para a área de Estudos Sociais, 34 professores dos três níveis de ensino fizeram parte da equipe de colaboração, sendo que nove autores fizeram parte da elaboração dos documentos preliminares<sup>2</sup> e vinte e cinco fizeram a análise crítica do guia<sup>3</sup>. Os elaboradores eram quatro: Elza Nadai, Joana Neves, Suria Abucarma e Delma Conceição Carchedi.

Ao analisar os livros didáticos do período, nota-se que há uma grande diferença entre eles, a começar por aqueles que se destinavam exclusivamente aos Estudos Sociais, com conteúdos diferenciados, muito atrelados ao Guia Curricular para Estudos Sociais e outros livros didáticos que eram exclusivamente de uma disciplina – Geografia ou História – mas

<sup>2</sup> Os professores são: Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Flávio Venâncio Luizeto, Glória Elisa B. P. Van Buettner, Helena Mirabelli, Heloísa Beargotti Pires, Heloísa Penteado, Hélio de Alcântara Pinto, Roberto Wagner de Luto e Walkiria Mortati de Brito Lima.

<sup>3</sup> Os professores são: Aristocléa Oliveira Martins, Arlete Dias, Célia Cartapatti, Cícero Caliman, Cleonice Aparecida do Nascimento Vertoni, Daisy Arena Arantes, Elias Esaú, Emiko Sato, Helena Kohn Cordeiro, João Antônio Rodrigues, João Baptista Cerqueira Motta, Júlia Maria Leonor Scarano, Kosuko Itano, Lúcia Frota Barsanetti, Maria do Rosário Teixeira Carpintieri, Marilena França, Neusa Ponciano Daninho, Norival Vieira da Silva, Nyssé A. Rino Sanches, Pedro Cancilliero, Ruth Novaes La Scala, Sílvia Gondim Borges, Vera Lucia Vieira e Yolanda Mustapha Ale.

destinados à área de Estudos Sociais com conteúdos específicos de suas respectivas disciplinas.

Isso significa que havia ao mesmo tempo livros de Geografia e livros de Estudos Sociais, assim como livros de História. Entretanto, cabe salientar que havia casos de livros didáticos de Estudos Sociais, com conteúdos muito voltados para uma ou outra disciplina escolar. Isso dependia muito da origem do autor desses livros. Muitos autores de livros didáticos de Geografia acabaram adaptando-se e escrevendo livros didáticos de Estudos Sociais, e, nesse caso, os livros didáticos ficaram com uma carga muito forte de Geografia em detrimento das outras áreas que compunham o conteúdo dos Estudos Sociais. Portanto, não há como fazer generalizações: ao mesmo tempo em que havia livros que seguiam à risca os Guias Curriculares, outros seguiam uma produção completamente independente.

No Guia Curricular de Estudos Sociais para o ensino de 1º Grau emitido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo em 1975, definiu o conteúdo da área de Estudos Sociais em três grandes temas: 1 – A criança e a sociedade em que vive, subdividido em duas partes: A criança a sua comunidade e A criança e o Estado em que vive; 2 – Fundamentos da cultura brasileira, dividido em duas partes: O processo de ocupação do espaço brasileiro e Unidade Nacional: os elos de sua integração; e 3 – A sociedade atual: análise do processo de formação, dividido em duas partes: Configuração do mundo agrário e Configuração de um mundo industrial. O equilíbrio mundial.

O mesmo Guia faz um detalhamento de cada item anteriormente proposto, mostrando o que deve ser ensinado em cada tema e quais eram as atividades mais apropriadas. Assim, muitos autores seguiram rigorosamente o que foi proposto no Guia Curricular e produziram livros que eram praticamente uma cópia do que foi prescrito. Uma coleção encontrada nesses moldes foram os livros de Elian Alabi Lucci, em uma coleção denominada *PAI – Processo Auto-Instrutivo da editora Saraiva*. Esses livros traziam conteúdos de Geografia e História, mas intercalados em capítulos alternados.

Esse é um exemplo de livro que seguiu fielmente a proposta de Estudos Sociais. Nota-se o que o título do livro – *O processo de ocupação do espaço brasileiro* – é justamente um dos dois itens do tema II do Guia Curricular descrito acima. O próprio livro traz a referência

“de acordo com os guias curriculares”. Foram vários os autores que produziram livros nessa perspectiva.

Entretanto havia também os autores que foram fiéis à disciplina de Geografia, aqueles que escreveram livros didáticos de Geografia. Isso não significa que esses autores só escrevessem livros didáticos de Geografia, muitos deles produziram tanto os livros didáticos de Geografia como os de Estudos Sociais nos moldes do Guia Curricular. É interessante notar como novos autores vão surgindo, ganhando espaço na produção dos livros em detrimento de outros, que, notadamente, foi o caso de Aroldo de Azevedo.

Dentre os autores que se destacaram na produção didática da década de 1970, podemos mencionar Celso Antunes.

Este autor que já produziu livros didáticos desde 1963 conseguiu adaptar-se bem às mudanças já mencionadas e lança uma espécie de livro único para o 1º Grau denominado de *Curso Dinâmico de Geografia Geral – 1º Grau*. No quadro 2 mostra a segunda edição deste em 1973. Esse livro em nada se parece com os livros do mesmo autor publicados uma década antes. Em *Curso Dinâmico de Geografia Geral*, não há apresentação ou qualquer anotação destinada ao leitor, o livro não possui indicação de série, parece que ele foi feito visando a sua utilização nas séries do ciclo dois do ensino de 1º Grau.

O livro organiza os conteúdos por áreas do ensino de Geografia, como Geografia Econômica, Geografia Humana e Geografia Física. Assim, há uma divisão do mundo por continentes e cada região é estudada dentro de um aspecto da Geografia. Portanto, o livro está sistematizado da seguinte maneira:

**Quadro 2 Sumário de *Curso dinâmico de Geografia Geral***

Unidade	Título
Unidade I	A divisão do mundo atual
Unidade II	Geografia Física: A natureza nos continentes
Unidade III	Geografia Humana: O homem em toda Terra
Unidade IV	Geografia Econômica: O continente americano
Unidade V	Geografia Econômica: A Europa e URSS
Unidade VI	A África e seus dramas

Unidade VII	Geografia Econômica: Ásia, a Terra dos Homens
Unidade VIII	Geografia Econômica: Oceania Regiões Polares.

Fonte: (Antunes, 1973 sumário)

Percebe-se a ênfase que o autor confere à Geografia Econômica, os aspectos naturais aparecem no livro somente na segunda unidade, abordando relevo, clima e vegetação de todos os continentes de forma muito sucinta. A maior parte do livro aborda geopolítica e a economia dos países, uma descrição do que eles produzem, quais as suas potencialidades, o que eles comercializam e qual é o papel da indústria e da agricultura na economia.

O primeiro capítulo serve como uma introdução aos estudos geográficos. O autor esclarece que há dois critérios possíveis para se estudar o mundo. O primeiro trata de regionalizar utilizando as características físicas para diferenciar as partes, as regiões, dividindo o mundo em continentes. O segundo critério pretende estudar o mundo fazendo sua divisão em três: países de primeiro Mundo, países de segundo Mundo e países de terceiro Mundo. Nesse mesmo capítulo Celso Antunes diz que nos dias atuais os aspectos sociais são imprescindíveis para se estudar o mundo.

O autor também afirma que não é mais possível estudar a Geografia só vislumbrando a natureza por que as diferenças do mundo atual são muito mais econômicas do que físicas, (ANTUNES, 1973).

Entretanto, mesmo afirmando a importância de se fazer um estudo de cunho social, na divisão do mundo que o autor propõe, prevalece a divisão física dos continentes: África, Ásia, América, Europa e Oceania. Há, portanto, uma junção das duas abordagens sugeridas sendo que o livro está dividido por continentes, mas com ênfase as questões de desenvolvimento e subdesenvolvimento.

Também é importante verificar a mudança nos exercícios propostos. Nessa nova fase, Celso Antunes recorre a Instrução Programada, com propostas de atividades em grupo, caça-palavras, colunas de palavras, exercícios cartográficos e questionários ao final de cada capítulo.

Portanto, pensando o caso da Geografia no Brasil, fazendo a leitura das mudanças editoriais ocorridas durante a década de 1970, percebe-se que os livros didáticos de Geografia

tornaram a leitura de mapas mais acessível aos seus leitores e que as novas orientações pedagógicas prescritas nos Guias Curriculares Nacionais materializaram-se com facilidade por meio de tais inovações.

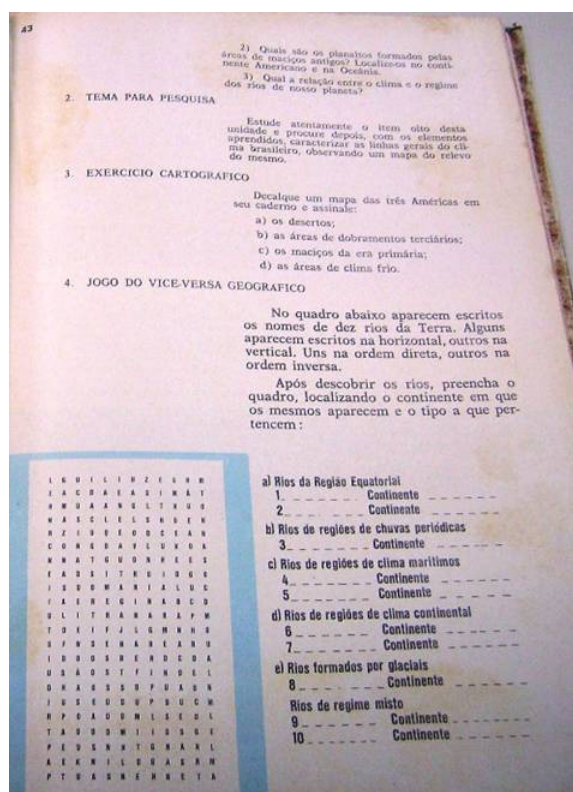
No trato com os livros didáticos de Geografia das décadas de 1960 e 1970 podemos ver mudanças significativas no tamanho dos livros, na quantidade e tamanho dos mapas, fotos, tabelas e diagramas. Outra mudança constatada foi o tipo de exercício no livro didático. Praticamente, não foi encontrado exercício nos livros didáticos consultados de Aroldo de Azevedo. Nos livros de Celso Antunes da década de 1960, encontram-se exercícios ao final de cada capítulo, sempre um uma lista de dez questões referentes ao conteúdo do respectivo capítulo. Em algumas questões temos a referência da página, geralmente pedindo ao aluno analisar uma tabela de determinada página e responder uma questão.

São perguntas curtas como podemos ver:

1. *O que entende por restinga, como as mesmas se formam e onde aparecem?*
2. *Quais as dificuldades que a região Norte oferece para a exploração de petróleo?*
3. *Qual é a relação da posição a Amazônia na Terra e seu tipo de clima?*
4. *Explique as cheias do rio Amazonas e a sua causa.*
5. *Baseando-se na figura 15 explique a formação dum lago de barragem.*
6. *Por que não é muito fácil a construção de ferrovias e rodovias na Região Norte?*
7. *O aproveitamento agrícola da planície Amazônica. Produção e dificuldades no cultivo do solo.*
8.  *lendo o texto do livro qual é a sua conclusão sobre o significado da coleta florestal para a Amazônia?*
9. *Observe a figura 23 e faça uma descrição do campo “Cerrado” da Região Norte. Relacione-o com o aproveitamento pecuário.*
10. *Características da vida econômica do caboclo amazônico*  
(ANTUNES, 1968, p.45).

Já na década de 1970, os exercícios do livro de Celso Antunes – Curso Dinâmico de Geografia – sofrem mudanças significativas:

**Figura 2: Padrão de exercícios da década de 1970 (Instrução Programada)**



Fonte: (Antunes 1974, p. 43)

Os exercícios nos livros didáticos da década de 1970 também mudam buscando enquadrar-se às prescrições feitas pelo *Guia Curricular para Estudos Sociais de São Paulo*, que determinava o uso de práticas de Estudo Dirigido, metodologia muito difundida na época. Segundo a sugestão do Guia Curricular, a técnica de Estudo Dirigido poderia ser aplicada em diversos momentos no ensino, principalmente na leitura de textos.

Mas, como esclarece Prado (2004) em relação ao ensino de História e de Estudos Sociais nesse mesmo período, havia uma confusão entre Estudo Dirigido e Instrução Programada, a ponto de muitas aulas que pretendiam a utilização do Estudo Dirigido, terem sido aulas dadas com técnicas de Instrução Programada. A autora afirma que as duas técnicas têm fundamentos distintos, sendo o Estudo Dirigido baseado em Jean Piaget e a Instrução



Programada fundamentada em Skinner. Prado também mostra como essas técnicas se materializaram nos livros didáticos de Estudos Sociais, mas com a utilização de Instrução Programada como se fosse Estudo Dirigido.

Analisando os livros didáticos destinados ao ensino de Geografia para Estudos Sociais, percebemos que houve a preocupação por parte de muitos autores de inserir novos métodos de abordagem com o objetivo de adaptarem suas obras ao método do Estudo Dirigido, mas também confundindo-o com Instrução Programada — daí o emprego de atividades como palavras cruzadas. Em todo caso, não deixou de haver atividades propondo questões para serem realizadas em grupos na forma de pesquisa e redações, de acordo com o que estabelece o Estudo Dirigido. Podemos atribuir grande parte da concretização dessas novas técnicas de ensino aos avanços das técnicas de produção de livros didáticos, principalmente no que se refere à utilização de cores e imagens.

O livro de Antunes ainda possui pequenos textos complementares no final de cada capítulo. Esses textos foram extraídos de obras de Geografia de autores renomados como Yves Lacoste e Pierre George. Como a do texto a seguir:

*A fome é, de longe, o sintoma mais grave e mais geral do subdesenvolvimento. Resulta de todo um conjunto de causas e provoca toda uma gama de conseqüências. Sendo a alimentação a necessidade primeira do homem e a busca da alimentação tendo sido, durante milênios, uma preocupação quase obsessiva, a fome é, entre as características do subdesenvolvimento, aquela que mais profundamente choca a opinião dos países ricos. É a manifestação mais flagrante da miséria, a expressão das privações que não é possível eludir: admite-se que os homens fiquem nus, que se alojem em cabanas, que sejam doentios, que não tenham trabalho etc., mas não é possível admitir a fome. Sua denúncia é de fato, o único meio de levar opinião pública dos países desenvolvidos a tomar consciência dos problemas do subdesenvolvimento. Atualmente a fome caracteriza a totalidade dos países subdesenvolvidos. Mesmo na Argentina, onde o regime alimentar médio é contudo copioso, uma importante fração da população sofre de uma nítida insuficiência alimentar. (LACOSTE, Yves. Geografia do Subdesenvolvimento, p. 25. Apud Antunes: 1973, p. 26).*

A referência a Yves Lacoste mostra que Antunes teve algum contato com a Geografia Ativa francesa, uma escola de Geografia fundada pelo próprio Lacoste, Pierre George e outros autores críticos, tendo como principal veículo de divulgação a revista *Hérodote*. Para esses autores, a Geografia deveria denunciar as mazelas sociais, assim temas como a questão da fome e do subdesenvolvimento ganharam força no debate geográfico. É importante retomar que o próprio Lacoste tinha grandes preocupações com a Geografia escolar, o que ele posteriormente denominará de Geografia dos professores, (LACOSTE, 1993) <sup>4</sup>.

Percebe-se assim que Celso Antunes faz uma nova Geografia, bem diferente daquela dos seus livros da década de 1960.

Nesse mesmo momento a Companhia Editora Nacional lançava os livros didáticos de Geografia de autoria de Adyr Aparecida Balastrieri Rodrigues e João Antônio Rodrigues. Foram encontradas publicações desses autores a partir de 1970.

João Antônio Rodrigues criticou a entrada dos Estudos Sociais no currículo ao discutir a situação da Geografia no ensino de 1º e 2º Graus (RODRIGUES 1973), depois, em 1975, participou da comissão de professores que fizeram a análise crítica do Guia Curricular para a área de Estudos Sociais e, anos depois, começou a produzir livros didáticos de Geografia, destinados à área de Estudos Sociais, livros que eram muito bem enquadrados com as prescrições dos *Subsídios para a implantação do Guia Curricular de Estudos Sociais*. Esses dois autores escreveram a nova coleção de livros didáticos de Geografia que, de certa forma, substituíram os livros de Aroldo de Azevedo no ensino de 1º Grau na Companhia Editora Nacional. Com a saída deste último autor da produção de livros de Geografia para ensino de 1º Grau, a Nacional teve que lançar novos autores no mercado. João Rodrigues e Adyr Rodrigues lançaram, ao longo da década de 1970, os livros *Nossa Terra Nossa Gente: visões regionais*, destinado à sexta série do 1º Grau; *As grandes Paisagens da superfície do globo*, destinado à sétima série; *O mundo político no final do século XX* e *Terras e gente de nosso mundo*, destinado à oitava série do 1º Grau e um livro para o professor – *Nossa Terra Nossa Gente, com trabalhos práticos*, destinado à quinta série do 1º Grau.

É importante notar a preferência dessa editora por autores que também atuavam como professores universitários em universidades públicas. Assim como Aroldo de Azevedo, os

---

<sup>4</sup> A primeira edição de *Geografia, isso em primeiro lugar para fazer a guerra* é de 1976.

novos autores da Companhia Editora Nacional eram na maioria professores da USP. A novidade dos desses livros está nos aspectos materiais das obras, todas com tamanho de 27 cm x 20 cm, fotos coloridas e grande número de imagens. Dos livros didáticos consultados esses foram os primeiros a serem feitos em tamanho maior que o tamanho anterior.

Na apresentação de *Terras e Gentes de Nosso Mundo* os autores justificam a utilização do grande número de ilustrações como sendo para limitar os textos e torná-los menos cansativos. Os autores também demonstraram-se preocupados em adequar os exercícios aos objetivos da Lei 5692/71, como bem explicam no seguinte texto:

*É com a finalidade de se compreender o comportamento das diferentes terras e gentes que preparamos esta obra.*

*Tivemos a preocupação de iniciar com uma “visão geral”, com o propósito de mostrar os diferentes ângulos através dos quais o nosso mundo pode ser conhecido e analisado.*

*O grande número de ilustrações, históricas e geográficas, permitiu-nos limitar os textos, tornando-os menos cansativos.*

*Cada unidade é acompanhada de trabalhos práticos e exercícios reunidos em um caderno especial no final do volume. Estes TRABALHOS PRÁTICOS, além de dirigirem e metodizarem o estudo, visam tornar a aprendizagem e as aulas menos teóricas e mais dinâmicas, atendendo um dos mais importantes, objetivos da Lei 5692/71.*

*Nós esperamos que este manual e o método nele empregado contribuam para o desenvolvimento integral de cada um e permitam a todos ver o mundo com novos olhos, (Rodrigues e Rodrigues, 1977).*

O livro usa grande quantidade de mapas, principalmente mapas temáticos. No caderno de atividades, logo em suas primeiras páginas há orientações de como os exercícios devem ser trabalhados. As atividades cobram a utilização de mapas, direcionando o aluno a mapas localizados nos capítulos dos livros. Há também exercícios com mapas que apresentam lacunas a serem preenchidas com nome de rios, penínsulas e outras informações e mapas para serem coloridos.

Esses tipos de atividades, juntamente com o grande número ilustrações nos capítulos, provocaram uma mudança na forma de os autores escreverem textos de Geografia. Os textos

sempre se reportam aos mapas e às ilustrações. Isso também implica em uma nova maneira de se estudar Geografia, muito mais voltada para uma linguagem cartográfica. É interessante notar como a coleção de Rodrigues e Rodrigues segue os passos das prescrições dos *Subsídios para a implantação Guia Curricular de Estudos Sociais para o 1º Grau – 5º a 8º série*.

Em 1979, a Companhia Editora Nacional lançou um encarte intitulado *Revalorização da Geografia no ensino de 1º e 2º Graus*, para o estado de São Paulo, divulgando os livros de Adyr Rodrigues e João Rodrigues. Nesse encarte há uma comparação do que foi estabelecido como conteúdo programático para o ensino de 7ª e 8ª séries do 1º Grau e para o ensino de 1º e 2º anos do 2º Grau e o conteúdo dos livros dos dois autores. Seus livros apresentam uma cópia daquilo que foi proposto.

É importante salientar que esse catálogo só comparou os livros de 7ª e 8ª séries do 1º Grau. Isso ocorreu, de acordo com a explicação do próprio encarte, porque com a insatisfação dos professores de Geografia e os problemas que a área de Estudos Sociais causou para essa disciplina, o CFE, por meio da Resolução nº. 07 de 08 de outubro de 1979 permitiu a autonomia das disciplinas de História e Geografia para as duas últimas séries do ensino de 1º Grau. Essa medida já havia ocorrido em âmbito regional, no Estado de São Paulo, a partir de 1977 (MARTINS 2000, p. 156).

Outro autor que publicou livros didáticos pela Companhia Editora Nacional foi Cloves Bittencourt de Dottori, professor do Colégio Pedro II, do Colégio Santo Inácio e da PUC-RJ, (DOTTORI, 1971). Este autor foi convidado pela editora para escrever um livro didático adaptado às características do Rio de Janeiro no final da década de 1960. Em uma entrevista cedida a João Rua (1992) o autor esclarece que:

*Entrei na produção do livro didático porque fui procurado pela Editora Nacional, no final dos anos 60. Desejavam que eu escrevesse um livro que se adequasse às características do mercado do Rio de Janeiro. Começava a definir-se um novo quadro no consumo do livro didático no Brasil. A quantidade de consumidores e a competição entre as editoras por esse mercado se ampliaram. A Editora Nacional completou 50 anos, em 1970, mas atravessando uma séria crise, que culminou com a compra dessa editora pela IBEP. A coleção Geografia Dinâmica começou a ser composta nesse contexto de crise. A compra pela IBEP e a lei 5692/71 podem ser apontados como principais causas para o “pequeno sucesso” da referida coleção*

*(para a época chegou a vender cem mil exemplares num ano, o que era bastante) já que ela deixou de ser impressa antes de se tentar lançá-la a nível nacional (Rua 1992, p. 92).*

Da coleção citada pelo autor, foi encontrado o primeiro volume, *Geografia Dinâmica I*, de 1971, que teve a co-autoria de Ney Julião Barroso e Tharceu Nehrer. Por ser um livro do começo da década de 1970, ele ainda apresenta uma estrutura antiga. No tamanho de 21,5 cm x 15,5 cm o autor usava uma página para as ilustrações e outras para o texto.

Segundo Rua (1992) a grande inovação desse livro foi a introdução de textos de literatura como leitura sugestiva ao final de cada capítulo. O nome *Geografia Dinâmica*, parece fazer uma alusão ao estudo dirigido. Ao fazer uma análise da metodologia utilizada e dos exercícios propostos nos livros, verifica-se que a falta de recursos gráficos dificultou a elaboração dos exercícios, que sempre exigiam que o aluno utilizasse outros materiais como o atlas geográfico, por exemplo.

Nos textos, há várias indicações para a elaboração de trabalhos em grupo e experiências extraclasse, sempre pedindo para que os alunos fizessem entrevistas com professores de outras disciplinas.

Os livros de Zoraide Victoriello Beltrame também são bons exemplos dessas mudanças que vem ocorrendo nos conteúdos de Geografia. Na nona edição de *Geografia Ativa: 6ª série, 1º Grau (as regiões brasileiras)* de 1975, a autora usa uma história em quadrinhos para introduzir os alunos ao tema do livro. O livro apresenta a história de um garoto e seus amigos que conhecem um extraterrestre e viajam em sua nave espacial para conhecer as regiões do Brasil.

Na apresentação do livro a autora esclarece que trata de uma linguagem adequada para a faixa etária dos alunos e que a proposta de *Geografia Ativa* é trabalhar os conceitos de Geografia, de forma que o aluno “aprenda a aprender”:

*Sabe-se que o professor não é aquele que simplesmente transmite, que simplesmente transforma, seu papel é muito mais importante, muito mais completo, é de quem forma, dirige e ensina a aprender.*

*Os alunos já não constituem uma platéia passiva de rostos interessados ou desinteressados, mas um grupo ativo que aprende a aprender para aprender a viver.*

*É para esse novo papel de professores e alunos que estamos oferecendo o nosso segundo volume de Geografia Ativa que consta de um volume de texto e de outro, o caderno de atividades.*

*Nele o aluno irá trabalhar ativamente, em busca de soluções a partir de situações dentro de sua área de interesse.*

*Nele o professor encontrará um manual didaticamente novo, onde as ilustrações procuram suprir a falta de material didático, e onde o texto acessível constitui o resultado de uma pesquisa de vocabulário ao nível do adolescente, (BELTRAME, 1975 p. 5, grifo nosso)*

Pode-se aferir desse trecho a ênfase que autora põe ao papel do professor como aquele que dirige o processo educativo e a importância das ilustrações como recurso didático.

Nos livros didáticos pesquisados percebermos como a linguagem cartográfica começou a ser mais explorada. Mapas maiores, mais ricos em detalhes e cores proporcionaram uma melhor leitura destes. Nos exercícios, viu-se uma maior utilização dos mapas, sendo usados no próprio exercício ou questões relacionadas ao mapa de uma determinada página.

## CONCLUSÃO

Por ser uma atividade extremamente complexa, não dá para pensarmos nas mudanças dos livros didáticos de Geografia na década de 1970 de uma forma meramente mecânica. Seria preciso conhecer todos os agentes que compuseram essa disciplina para entender a sua finalidade nesse cenário. Só assim poderemos entender de forma ampla por que alguns pressupostos mudaram no interior dessa disciplina e por que outros permaneceram.

Tal procedimento de pesquisa exige uma ampla pesquisa que extrapola as condições desse artigo. Contudo, a proposta aqui é um recorte com o intuito de reconstruir as mudanças nos livros didáticos de Geografia por meio do estudo de alguns de seus agentes. Isso pode contribuir para a construção mais geral do que foi o ensino de Geografia na década de 1970.

O surgimento de novos autores na produção de livros didáticos na década de 1970 no Brasil possui forte relação com as mudanças sociais que ocorreram nesse período. Como vimos, as mudanças impostas pela Lei 5692/71 que aumentou o número de alunos matriculados em escolas públicas, mas, por outro lado, ameaçou a existência da disciplina de

Geografia no ensino de 1ª Grau não pode, por si só explicar o surgimento desses novos autores.

Porém essas determinantes conjugadas com novas metodologias, mudanças no mercado editorial e as necessidades educacionais dos novos alunos que começaram a freqüentar a escola naquele momento podem nos dar uma explicação mais ampla sobre como foram as mudanças nos livros didáticos de Geografia.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. Curso dinâmico de geografia geral: primeiro grau. 6ª edição. São Paulo: Editora do Brasil, 1973.

BELTRAME, Zoraide Victorriello. Geografia Ativa: 6ª série do primeiro grau. 9ª edição, São Paulo: Ática, 1975.

\_\_\_\_\_. Geografia Ativa III: os continentes. 4ª edição, São Paulo: Ática, 1976.

\_\_\_\_\_. Geografia Ativa: as Américas 7ª série 2ªed. São Paulo: Ática, 1983.

CHARTIER, Roger. A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. 2º ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria & Educação, Porto Alegre, v. 2 pp. 177-229, 1990.

CHOPPIN, Alain. História dos livros didáticos e das edições didáticas. Revista Educação e Pesquisa. V.30, n.3, pp.549-566, set/dez. 2004.

DOTTORI, Cloves de Bittencourt; Barroso, Ney Julião e Nehrer. Geografia Dinâmica I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MARTINS, Maria do Carmo. A História prescrita e disciplinada nos currículos escolares: Quem legitima esses saberes? Tese de doutorado. UNICAMP: Campinas, 2000.

MUNAKATA, Kazumi. História que os livros didáticos contam, depois que acabou a ditadura militar no Brasil. In: FREITAS, M. C. (org.). Historiografia brasileira em perspectiva. 6º ed. São Paulo: Contexto, 2007

LACOSTE, Yves. A Geografia: Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. 3º ed. Campinas: Papirus, 1993.

LUCCI, Elian Alabi. PAI – Processo auto-instrutivo, Estudos Sociais: O processo de ocupação do espaço brasileiro. 5º série 1º Grau. 7º ed. São Paulo: Saraiva, 1982.

PRADO, Eliane Mimesse. As práticas dos professores de História nas escolas estaduais paulistas nas décadas de 1970 e 1980. Tese de doutorado, São Paulo: PUC: 2004.

RODRIGUES, João Antônio. Situação da Geografia no ensino de 1º e 2º Grau. Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Volume VIII, São Paulo: ABG, 1973.

RODRIGUES, Adyr Aparecida Balastrieri; RODRIGUES, João Antonio e CONTI, José Bueno. Terras e gente de nosso mundo: área de Estudos Sociais. 2ª edição, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

RUA, João. Em busca da autonomia e da construção do conhecimento: o professor de Geografia e o livro didático. Dissertação de Mestrado São Paulo: USP, 1992.

SÃO PAULO (Estado) Secretara da Educação. Guia curricular para o ensino de 1º Grau – Estudos Sociais. São Paulo: 1975.